



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar de abertura da Semana da Academia Internacional de Televisão

Rio de Janeiro-RJ, 08 de setembro de 2008

Quero cumprimentar o governador Sérgio Cabral e o Arlindo Chinaglia, Cumprimentando-os, estarei cumprimentando todos que estão aqui à mesa, que não são muitos. Se fosse uma campanha eleitoral, certamente teria muito mais gente no palanque. Não se assustem com o discurso, porque as letras são muito grandes e são poucos minutos. Também, se forem muitos... Eu não conheço uma grande parte de vocês e vocês não me conhecem, então ficamos nos conhecendo a partir de hoje.

A televisão ocupa um papel central na vivência democrática, na cultura e no cotidiano de praticamente todas as nações do mundo. No Brasil, isso é talvez mais forte ainda do que em outros países. Somos um povo apaixonado pela televisão. Estamos acostumados a ver, nas telas de TV, os fatos mais significativos do dia de todo o País e de todo o mundo, e é na TV que procuramos encontrar a nossa imagem como povo e como nação. Em um período de grandes transformações, como o que estamos vivendo no Brasil, a sintonia entre a televisão e os anseios de toda a população ganha ainda mais relevância.

Peço, então, licença para lhes apresentar – principalmente aos nossos visitantes estrangeiros – um pouco do que está acontecendo no nosso país nos tempos atuais. Depois de duas décadas e meia de estagnação, retomamos o desenvolvimento, recuperando a nossa capacidade produtiva, com geração de empregos e distribuição de renda. Crescemos há 25 trimestres consecutivos com inflação baixa e sob controle. De 2003 para cá, criamos 11 milhões e 500 mil novos empregos, 9 milhões e 500 mil formais, com carteira profissional assinada. Conseguimos uma redução rápida e consistente nos índices de



pobreza. Nos últimos anos, 20 milhões de brasileiros ingressaram na classe média. Estamos vencendo a batalha contra a fome e a miséria.

Poucos países conseguiram realizar transformações econômicas e sociais de tal envergadura nos marcos do que é mais sagrado na vida de uma nação: o exercício da democracia. Quando digo democracia, digo livre e pleno funcionamento da imprensa em todos os níveis. Tenho consciência de que sem liberdade de imprensa jamais teria chegado à Presidência da República. Tenho certeza também de que, sem liberdade de imprensa, nosso povo não poderia estar comemorando as importantes conquistas dos dias atuais.

Às vezes, há jornais ou noticiários de televisão que se excedem, que desprezam os fatos e embarcam em campanhas, que muitas vezes divulgam inverdades. Aprendi a conviver tranquilamente com isso, porque tenho a certeza de que, havendo liberdade de imprensa e democracia, mais cedo ou mais tarde a verdade termina prevalecendo, por uma razão muito simples: os leitores, os ouvintes e os telespectadores são perfeitamente capazes de separar o joio do trigo, a informação da desinformação, a notícia da campanha, a verdade da eventual manipulação. Afinal de contas, telespectadores ou leitores são críticos implacáveis e juízes muito severos. Quem não os trata com respeito e não mostra consideração pela sua inteligência, termina por perder credibilidade.

Por isso mesmo, estou entre aqueles que acham que não há nada melhor para os eventuais excessos cometidos por qualquer órgão de imprensa do que mais liberdade de imprensa.

Minhas amigas e meus amigos,

É importante dizer que o Brasil desperta, hoje, a curiosidade do mundo sobre temas que vão muito além do carnaval e do futebol. Não me canso de constatar isso em minhas viagens internacionais. Não estou falando de um país que já tenha resolvido os seus problemas básicos, ou no qual tudo esteja correndo bem. Sabemos que ainda estamos longe disso e que ainda temos um



longo caminho para trilhar. Estou falando de uma sociedade que tem aprendido, com muita luta e sacrifício, a superar de forma democrática as conseqüências maléficas de séculos de dominação e injustiça.

É nesse novo contexto que se abre para o Brasil uma oportunidade que temos que aproveitar: a de ocupar o espaço que nos cabe na esfera cultural. Temos uma população alegre, criativa, e também receptiva às mais diferentes formas culturais. Poucos países no mundo guardam um tesouro cultural tão rico como o nosso. Em cada região do País, em nossas grandes cidades ou nas comunidades mais distantes do imenso território brasileiro, se multiplicam expressões de arte genuinamente brasileiras. Além disso, as novas tecnologias de comunicação, cada vez mais acessíveis a amplos segmentos de nossa sociedade, aumentam a importância histórica do momento que estamos vivendo.

A TV digital já iniciou suas transmissões no País. Já temos 45 milhões de internautas ativos e estamos levando a internet em banda larga a todas as nossas escolas públicas urbanas. Some-se a tudo isso o forte crescimento do poder aquisitivo no Brasil e estará composto um cenário em que poderemos nos tornar um mercado muito mais amplo e sólido de produção e de consumo cultural. Queremos ter acesso a mais filmes, a mais programas de televisão, a mais espetáculos produzidos no exterior. Mas queremos também, incentivar a nossa própria produção e levar ao mundo aquilo que de melhor realizamos aqui no Brasil.

Nossas telenovelas já influenciam o cotidiano de vários países em que são exibidas. A produção audiovisual brasileira cresce em importância e tem sua qualidade cada vez mais reconhecida. O Emmy internacional, que esta Academia promove, atesta esse reconhecimento. Em 2005, tivemos três indicações ao prêmio; em 2006, foram cinco; na última edição, concorremos em sete categorias. É bom lembrar que, em mais de uma dessas indicações, os programas tiveram o forte apoio de nossas políticas públicas. Foi o caso do



Menino Maluquinho, produzido pela nossa TV pública e premiado no Japão, e da série Mandrake, uma co-produção entre produtores independentes brasileiros e a norte-americana HBO, com incentivos estatais. Acredito que há, nesse sentido, um forte interesse comum em defesa da cultura nacional e da ampliação dos mercados para os nossos produtos e serviços culturais.

Estou falando da necessidade de reforçarmos, cada vez mais, o papel da produção cultural no nosso modelo de desenvolvimento, de uma combinação de forças nacionais e internacionais, privadas e públicas, que possibilitem não apenas abrir as portas do mundo para o Brasil, mas também manter as portas do Brasil abertas para intensas produções artísticas internacionais.

No âmbito doméstico, isso passa por abriremos cada vez mais espaços na própria televisão brasileira para diversas culturas regionais, para as produções independentes, com todo o seu potencial renovador, para o cidadão comum, que quer se enxergar de forma cada vez mais autêntica e democrática nos meios de comunicação.

Estou convencido – e as experiências internacionais demonstram isso – de que o incentivo a essas novas iniciativas ajudará cada vez mais o desenvolvimento da sólida e competente indústria brasileira de bens culturais.

Por isso, quero dar os parabéns aos organizadores deste evento que, pela primeira vez, ocorre em um país da América do Sul e no Brasil. Quero dar os parabéns à Academia Internacional de Ciências e Artes da Televisão, e quero dizer para vocês que a democracia neste país não é uma dádiva de ninguém, é uma conquista deste povo e, por isso, ela será cada vez mais forte.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211A)